

Turistas ficam mais tempo no Alojamento Local do que na Hotelaria

No mês de junho, nos Açores, o alojamento local registou 158,7 mil dormidas, apresentando uma variação homóloga positiva de 10,6%.

Os residentes em Portugal atingiram cerca de 36,2 mil dormidas, correspondendo a um decréscimo homólogo de 17,9%, enquanto os residentes no estrangeiro atingiram 122,4 mil dormidas, registando um acréscimo, em termos homólogos, de 23,2%.

O registo de hóspedes atingiu 45,5 milhares, apresentando uma taxa de variação homóloga positiva de 10,7%.

No primeiro semestre de 2023, no alojamento local, registaram-se 563,1 mil dormidas, valor superior em 28,2% ao registado no mesmo período homólogo.

Em junho, no alojamento local, todas as ilhas apresentaram variações homólogas positivas nas dormidas:

Graciosa (48,3%), Santa Maria (39,6%), Flores (19,8%), São Miguel (13,9%), São Jorge (3,7%), Terceira (3,1%), Faial (1,8%) e Pico (0,3%).

A ilha do Corvo não registou dormidas declaradas neste mês.

Quadro 5 - Alojamento local – Resultados gerais

	jun-23		jan-jun 23	
	valor	Tvh (%)	valor	Tvh (%)
Dormidas (unidades)	158 679	10,6	563 133	28,2
Residentes em Portugal	36 232	-17,9	170 061	1,4
Residentes no Estrangeiro	122 447	23,2	393 072	44,8
Hóspedes (unidades)	45 484	10,7	160 893	29,0
Estada média (nº noites)	3,49	-0,2	3,50	-0,6

Nota: Dados provisórios de janeiro a maio e preliminares de junho.

Quadro 6 - Alojamento local – Dormidas por Ilha

	jun-23		jan-jun 23	
	valor	Tvh (%)	valor	Tvh (%)
Açores	158 679	10,6	563 133	28,2
Santa Maria	867	39,6	2 286	26,6
São Miguel	106 609	13,9	404 348	36,0
Terceira	17 053	3,1	56 713	7,2
Graciosa	522	48,3	1 517	21,4
São Jorge	4 055	3,7	9 428	35,9
Pico	13 888	0,3	40 371	13,4
Faial	9 574	1,8	31 952	8,0
Flores	6 111	19,8	16 155	22,5
Corvo	0	-100,0	363	-31,4

Nota: Dados provisórios de janeiro a maio e preliminares de junho.

A ilha de São Miguel com 106,6 mil dormidas concentrou 67,2% do total das dormidas, seguindo-se a Terceira com 17,1 mil dormidas (10,7%), o Pico com 13,9 mil dormidas (8,8%) e o Faial com 9,6 mil

dormidas (6,0%).

Recorde de receitas em Lisboa e Porto

O turismo em Portugal registou 2,5 mil milhões de euros em receitas totais durante o primeiro semestre deste ano, sendo que a maioria deste valor (1,9 mil milhões) foram proveitos encaixados através de dormidas.

Estes aumentos acontecem à boleia da subida dos preços das estadias, com o preço por noite em Lisboa a atingir os 152,6 euros e o Porto com 113 euros, os valores mais altos de sempre.

Os dados divulgados esta segunda-feira pelo Instituto Nacional de Estatística, revelam que face a 2019, período antes da pandemia, as receitas totais cresceram 38,3% e as de aposento (dormidas) 41,7%.

A subida das receitas no turismo acontece numa altura em que se assiste a uma subida generalizada dos preços, com o preço médio por noite num hotel ou alojamento a atingir em junho os 123,1 euros, mais 26,1% face aos valores de 2019.

Uma noite em Portugal é mais cara do que em Espanha, Alemanha e Reino Unido

Em Portugal, no primeiro semestre deste ano, o preço médio por uma noite num hotel atingiu os 136,80 euros.

Um valor que fica 30% acima (mais 31,35 euros) dos 105,45 euros fixados no primeiro semestre de 2019, antes da pandemia, e que ultrapassa em 13,5% o valor médio de 120,56 euros registados no período homólogo.

Este valor deverá ter subido tendo em conta que durante os meses de verão (julho e agosto), os hotéis, na generalidade, optam por ajustar os preços ao período de maior procura dos turistas.

Com estes preços, uma noite num hotel em Portugal é mais caro que em Espanha onde o valor médio, até junho, ficou ligeiramente abaixo com 135,8 euros, conseguindo uma taxa de ocupação superior à de Portugal (fixada em 62,3%) com 70,2%.

Mas a diferença sobe quando comparamos Portugal com a Alemanha onde o rendimento por quarto ocupado (ADR) é de 113,73 euros e no Reino Unido de 128,62 euros.

Os valores foram adiantados ao ECO pela consultora norte-americana CoStar, que analisa dados nos mercados imobiliários e de turismo.

A tendência de subida de preços na hotelaria tem vindo a sentir-se desde o ano passado – quando o turismo ul-

trapassou em Portugal os recordes de procura e de receitas –, acompanhando o surto inflacionista e o aumento generalizado dos preços depois do início da guerra na Ucrânia. E esta subida já está a afastar os turistas, sobretudo portugueses, dos hotéis nacionais.

Taxa de ocupação é menor

De acordo com os dados adiantados pela CoStar ao ECO, em média, a taxa de ocupação dos hotéis portugueses no primeiro semestre do ano ficou em 62,3%, abaixo dos 64,8% registados em 2019, quando o preço por noite era inferior.

“Um aumento de preços de 30% quando o poder de compra dos portugueses aumentou muito menos e ainda foi afetado inflação e pela subida das taxas de juro/aumento da prestação da casa, tem que ter impacto negativo na hotelaria”, admite ao ECO a consultora especializada em turismo, Neoturis.

Perante este cenário, acrescenta ainda a Neoturis, os portugueses “ou despendem mais para ter os mesmos dias de alojamento que em anos anteriores, ou corta nos dias, procura outras épocas ou outros destinos”.

Para a Neoturis, a tendência da subida dos preços resulta de dois fatores: o “aumento acentuado dos custos

operacionais (salários, energia, bens de consumo)” a que se soma a “escassez de recursos humanos qualificados na hotelaria”.

Com este cenário, segundo a consultora, há “várias empresas hoteleiras que preferem maximizar o Revpar (receita por quarto) via ADR (receita por quarto ocupado), sacrificando a ocupação”. Ou seja, sobem os preços para compensar a redução de hóspedes, de forma a conseguirem “manter a qualidade de serviço com os recursos humanos disponíveis e controlar melhor os custos”.

Até porque, só com a subida dos preços, considera a consultora, “será possível pagar melhores salários na hotelaria, formar pessoas, investir em tecnologia, bem como manter e renovar o parque hoteleiro”.

Algarve é a região mais afetada pela quebra de turistas

Entre as regiões do país, de acordo com os últimos dados, o Algarve é a região mais afetada pela quebra na procura.

Os últimos dados do INE revelam que em junho as dormidas naquela região ficaram 6,8% abaixo dos níveis de 2019, que se acentua entre os portugueses onde a quebra é de 17,9%.

O Algarve é, aliás, a única zona do país onde o turismo ainda não atingiu os níveis pré-pandemia.

Também os dados provisórios da Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve revelam que em julho a taxa de ocupação quarto foi de 82,3%.

Ou seja, as unidades de alojamento naquela região registaram uma descida de 4,2 pontos percentuais na taxa de ocupação quarto face ao período homólogo e uma redução de 1,1 pontos percentuais quando comparado o mesmo mês de 2019.

Os mercados que mais contribuíram para a descida homóloga verificada foram o português com uma redução de 7,4 pontos percentuais, e o alemão, com menos 3,3 pontos percentuais.

Mas apesar dos preços das estadias, há ainda vários países europeus mais caros que Portugal.

É o caso da Itália, onde, segundo os dados da CoStar, em média uma noite num hotel custa 197,77 euros, mais 60,97 euros que os hotéis nacionais, mas que, ainda assim, tem uma taxa de ocupação superior com 68,1%.

Na Grécia, os valores até junho atingiram os 174,37 euros, com uma taxa de ocupação de 62% e em França os valores ascendem a 168,64 euros com 65,1% de ocupação.